

A produção da masculinidade no ensino fundamental

Edilene de Araujo Neres¹

Resumo: O presente texto trata da produção da masculinidade no ensino fundamental. Obtendo como problema de investigação, de qual maneira o ensino fundamental influencia na produção da masculinidade na infância? Apontando como objetivo, a análise da influência da escola na produção e naturalização dessa identidade masculina na infância, se desdobrando na compreensão, na construção e em sua naturalização no ambiente escolar. Tendo como metodologia a pesquisa bibliográfica realizada nos periódicos da plataforma CAPES e Google Acadêmico, utilizando como referenciais teóricos os estudos de gênero. Por meio da análise da literatura pesquisada concluímos que masculinidades tóxicas se constroem desde a infância, e a escola enquanto instituição social tem papel influente sobre a construção e a legitimação desta.

Palavras-chave: Masculinidades; Construções; Ensino fundamental.

INTRODUÇÃO

Este estudo aborda inicialmente as origens dos estudos de gênero perpassando o feminismo, o estudo dos homens, e suas diversas formas de ser. Possuindo como objetivo a compreensão da construção da masculinidade, perpassando desde a infância à interação social, posteriormente adentrando ao ambiente escolar e seu papel legitimador na construção dessa identidade, para então alçar modos de desconstrução da masculinidade tóxica infantil, culminado em um agregado de conhecimento sobre o assunto.

Gênero é entendido nesta produção como norma, como o mecanismo por meio do qual são produzidas e naturalizadas as noções de masculino e feminino (REIS e PARAÍZO, 2014, p. 238 apud BUTLER, 2006). As normas de gênero estão presentes nas instituições sociais e perpassam pela instituição escolar com um currículo que segundo Silva (2016) é um artefato de gênero este ao mesmo tempo corporifica e reproduz relações de gênero, não podendo ser deixado de lado em uma perspectiva crítica de currículo. O conceito de gênero é engrenado e problematizado no final da década de 60 entre estudosas e militantes da segunda onda feminista, que nessa fase se voltam para construções propriamente teóricas, e seus críticos ou suas

¹ Estudante de graduação de Licenciatura em Pedagogia. UFPA, Instituto de Educação, Campus Belém. E-mail: edilenearaujoneres19@gmail.com.

críticas, nessa efervescência, as militantes feministas que estão inseridas no meio acadêmico trazem para o interior das universidades e escolas questões que as mobilizavam iniciando assim os estudos da mulher (LOURO, 1997).

Os estudos de gênero surgem inicialmente como “estudos das mulheres”, contudo essa concepção vai se ampliando, abrindo espaço para o “estudo dos homens” afinal há uma relação direta entre os gêneros, relação na qual claramente percebe-se a desigualdade, podendo ser observada a partir das formas de tratamento e os papéis impostos socialmente para cada gênero.

Na década de 90 segundo Souza (2009) com base em Medrado e Lyra (2008) articula-se um campo de pesquisa sobre masculinidades. No que diz respeito aos estudos pioneiros sobre a masculinidade, os conceitos de hegemonia e dominação emergem como importantes categorias analíticas (SOUZA, 2009). Assoma uma gama de estudiosos que discorrem sobre o ser masculino, sua interação social, a construção de sua masculinidade e as diversas formas de ser masculino. “A masculinidade não é uma entidade biológica pré existente à sociedade, acima de tudo as masculinidades são modos que a sociedade interpreta e emprega em corpos masculinos.” (SAAVEDRA, 2004, p. 106 apud CONELL, 1996, p. 211).

As normas e estereótipos colocados sobre os corpos de acordo com o seu sexo biológico são fatores influentes na construção do ser. Fatores esses que constroem com suas normas e alimentam com seus estereótipos imutáveis masculinidades tóxicas ao longo da vida.

Destarte o acesso aos estudos de gênero pelas crianças é de fundamental importância para a desconstrução desses estereótipos que não representam os anseios de diversas masculinidades, tampouco, do feminismo. À esfera educacional é um lugar potente para inserir o debate de igualdade de gêneros, em 2015 vários grupos, associações e movimentos assinaram o Manifesto pela Igualdade de Gênero na Educação com o seguinte ideal

Em defesa do pluralismo de saberes e do reconhecimento do campo científico nacional e internacional, defendemos que é um direito fundamental das/os estudantes brasileiros/as o acesso aos conhecimentos e pesquisas produzidos pelos estudos interdisciplinares sobre o conceito de gênero. Nossa defesa é por uma educação democrática, inclusiva e, também, que repudie qualquer forma de censura. (MANIFESTO PELA IGUALDADE DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO, 2015).

Inspirada por essas indagações que surgem dentro desse campo de pesquisa sobre gênero, feminismo e masculinidades, ousar entender como se dá essa construção do sujeito menino dentro da esfera escolar é um dos

focos desse trabalho, juntamente com a desnaturalização da construção da masculinidade infantil.

Esta pesquisa tem por objetivo analisar a influência da escola na produção e na naturalização da masculinidade na infância, se desdobrando em sua compreensão, construção e na naturalização da mesma no ambiente escolar.

A justificativa para esse estudo em função da contribuição que ele pode oferecer juntamente com as pesquisas já produzidas sobre o tema, possibilitando debates e ampliação teórico-metodológica sobre a temática e aprofundamento científico.

A problemática apresentada é: de que maneira o ensino fundamental influencia na produção da masculinidade na infância? Partindo de referenciais teóricos como Bello e Felipe 2010, Reis e Paraízo 2014, Saavedra 2004, Gomes e Crepald 2013, Souza 2009, Silva 2016, Louro 1997, Conell 1996, Paechter 2009.

Para o desenvolvimento deste estudo utilizou-se como metodologia pesquisa bibliográfica. Utilizando como recurso, revisão bibliográfica do último quinquênio na plataforma da CAPES, entretanto os trabalhos encontrados não foram suficientes para atender a problemática do trabalho, recorrendo assim a outros campos virtuais como o google acadêmico, e também ultrapassando o último quinquênio.

INFÂNCIA E INTERAÇÃO SOCIAL

Ao nascer a criança é inserida em uma sociedade na qual a primeira esfera que ela possui contato é a familiar, dentro deste espaço o qual é regida por um código moral de normas sociais, esse indivíduo inicia seu processo de interação social e com isso a construção do seu ser.

Com a percepção de algumas normas e expectativas, que mesmo na infância são colocados sobre os corpos já “generificados” pelo seu sexo biológico, a criança cria mecanismos para atender as expectativas dos adultos em seu entorno, pois é natural que a criança corresponda aos estímulos que lhes são impostos na interação social.

A partir da análise de um estudo realizado por um Bello e Felipe (2010) acerca das construções empreendidas em torno das masculinidades desde a infância, a partir da observação de 25 crianças durante 100 horas. Diante dos resultados obtidos observou-se a criação de mecanismos pelas crianças para corresponder as expectativas dos adultos em relação às suas formações de gênero, ficando evidente que esses mecanismos produzem a sensação de bem estar nas crianças e nos adultos. Essa atitude gera conforto

para os infantis, pois assim são menos policiadas, e para seus cuidadores confere a sensação de dever cumprido.

Observa-se como se inicia a construção do seguimento normativo que pauta as relações das crianças para com os adultos, percebe-se com este comportamento que apresentar características ou atitudes fora do que é considerado padrão causa desconforto, iniciando assim um processo de construção opressora

Os meninos têm seus movimentos escrutinados o tempo todo pelos adultos (professoras, cuidadoras, pais, outros/as funcionários/as da escola) e isso lhes dá pistas de como agradá-los, não sendo essas indicações algo que eles entendam como uma ordem a ser seguida” (BELLO e FELIPE, 2010, p. 178).

Essa construção opressora possui representações e significações de masculinidades presentes no cotidiano da criança, essas masculinidades existentes no cenário de crescimento da mesma possuem grande influência sobre a construção da masculinidade deste menino, um estudo produzido por Gomes e Crepald (2013) que tem como enfoque o engajamento paterno como fator de regulação de agressividade na pré-escola, elas hipotetizam que filhos que possuem pais mais participativos em seus cuidados sejam menos agressivos na interação com pares, em comparação com filhos de pais menos presentes.

Afinal, que masculinidades nos são apresentadas, e quais significações são atribuídas ao ser masculino? A exposição infantil a um ambiente com masculinidades tóxicas, no processo de construção da identidade masculina, passará pelas pautas que tem representações e significados para ela, o que lhe parecer natural se sedimenta dentro do seu eu, se for natural ver um homem (o qual é uma representatividade de masculinidade para o garoto) lavando louça e ajudando nas tarefas de casa se tornará natural para o menino cumprir suas obrigações domésticas, pois as práticas diárias refletem a norma vigente sobre o ser masculino.

Segundo Reis e Paraíso (2013) vários discursos podem estar presentes em cada ato de nomear e classificar um ser como menino, pois esses atos estão inseridos em uma rede discursiva, em que alguns grupos ou instituições têm autoridade na produção de significados sobre os corpos considerados meninos, apud Bento (2003) família, estado, igreja, medicina e escola são algumas das instituições que têm participado na constituição discursiva de corpos sexuais. Adotando como heteronorma o sentido apresentado por Louro (1997, p. 49-50) “Em nossa sociedade, devido à hegemonia branca, masculina, heterossexual, cristã, têm sido nomeados e nomeadas como di-

ferentes aqueles e aquelas que não compartilham desses atributos.”. Quando a masculinidade é um reflexo heteronormativo a regra para ser um ser masculino é clara e estereotipada possui características específicas, são normas sociais a serem seguidas pois são essas que regem a construção da masculinidade, ou seja a identidade masculina da criança é um reflexo do guia heteronormativo seguido por seus cuidadores segundo Belo e Felipe (2009). O menino deve se construir primeiramente como hetero, estar dentro dos padrões “corretos” de desejo sexual (como se pudesse mandar nos desejos corpóreos), deve ser atlético ou no mínimo jogar bem um futebol, é preciso apreciar e desejar as meninas, é o padrão de masculinidade hegemônica heteronormativo que está se moldando diariamente nos meninos.

Esse padrão de masculinidade se constitui juntamente com a negação das características atribuídas ao ser feminino como a sensibilidade e o cuidado, disseminando assim uma semente de misoginia

Desta forma, a masculinidade é construída a partir da misoginia, ou seja, do desprezo por tudo aquilo que possa ser considerado tipicamente feminino e também pela homofobia, que consiste no desprezo e aversão aos homossexuais (FELIPE e BELLO, 2010, p. 179 apud FELIPE e BELLO, 2009).

Viver essa primeira interação social da criança, com seus cuidadores e com a norma de gênero que os guiam é o primeiro passo passa a construção da masculinidade deste menino, essa construção iniciada, na maioria dos casos, de forma equivocada é passada agora para mas um ambiente de interação social, à escola. Instituição esta que infelizmente em sua maioria está regida pela mesma norma de gênero presente na família, dando continuidade a construção de masculinidades tóxicas.

A ESCOLA E A SUA INFLUÊNCIA NA CONSTRUÇÃO DA MASCULINIDADE LEGITIMADA

Todas as masculinidades e as feminidades, dominantes e subordinadas, que se apresentam no espaço escolar, são influenciadas pela educação, uma vez que a escola é o lugar para a construção e para a performance das identidades. (PAECHTER, 2009). São nas escolas que as crianças solidificam suas construções de gênero, suas masculinidades e feminidades, pois a interação com outras crianças e com um ambiente extremamente influente e formador são fatores que consolidam essas construções.

As práticas curriculares são estruturadas pelas normas de gênero, a esfera de poder representada pelo currículo nunca é empregado de forma desinteressada

O currículo da escola fundamental também apresenta às crianças uma imagem do mundo e de seu lugar nele como homem ou mulher, permitindo que elas construam identidades como aprendizes em alinhamento ou em contraposição a essas imagens. (PACHER, 2009, p. 100).

As práticas de separação entre meninos e meninas são comuns nas escolas, uma fila de meninos e uma de meninas é um exemplo clássico que ainda perdura no interior dessas instituições, o currículo oculto desses ambientes são genericados, assim como os cartazes com denotações para meninas e meninos como forma de delimitação de fronteiras entre os mesmos, qualquer corpo que ultrapasse essas fronteiras sofrem represálias, são nomeados como anormais, são marginalizados. O currículo escolar é uma produção performativa dos corpos sexuados, e apresenta práticas que nomeiam, classificam, hierarquizam corpos-meninos-alunos e que produzem esses corpos como normais ou anormais (REIS e PARAÍSO, 2014).

A escola permeada por um currículo oculto que expressa a delimitação de fronteiras clara entre os gêneros partindo de determinações estritamente biológicas, com um currículo que não aprova a discursão sobre os conhecimentos acerca do gênero, é cenário de encontro dessas estruturas preconceituosas com crianças em formação

A escola fundamental é um espaço central no desenvolvimento das comunidades de prática de masculinidade e feminidade da criança. As crianças usam as culturas e as estruturas de determinadas salas de aula, escolas e sistemas curriculares como pontos de apoio e de resistência para a construção de masculinidades e feminidades específicas e localizadas. (PAECHTER, 2009, p. 102).

A masculinidade tóxica é legitimada dentro das escolas principalmente nos discursos associados a disciplina, esporte e brincadeiras. A masculinidade é reafirmada nas práticas escolares como na disciplina dos alunos, quando um professor chama atenção do menino que está conversando demasiadamente, ele logo afirma que o aluno parece mulher, pois falar demais é uma característica feminina e não masculina conforme a regra de gênero presente nas escolas. Observa-se a legitimação nas práticas desportivas, onde no esporte culturalmente se enaltece o ser masculino e as características atribuídas a ele segundo a heteronormatividade. A força, a competitividade e a agilidade são bem vistas quando apresentadas por um menino, entretanto quando um menino apresenta qualidades opostas a essas ele é marginalizado, porque as características femininas são desvalorizadas culturalmente.

A negação dos corpos masculinos que fogem as normas comportamentais designadas aos meninos são práticas cotidianas no ambiente escolar. O comportamento dos garotos precisam corresponder as características sociais atribuídas ao seu gênero, o menino não pode ser muito estudioso, precisa gostar de esportes, é normal que ele não consiga se concentrar durante as aulas e apresente comportamento inadequado, são características que se naturalizaram masculinas e são perfeitamente aceitas vindo de meninos, mas qualquer comportamento considerado feminino que seja reproduzido por um menino causará um desconforto ou será excluído pelos alunos e até mesmo pelo professor.

Reis e Paraíso (2014) apud Butler (2001) colocam que a materialidade do corpo, além de ser demarcada pelos discursos, também produz um domínio dos corpos considerados sem importância e sem valor, isso se reflete na constituição de corpos de meninos que são apontados como afeminados, como “mulhersinhas”. Encaminha-se assim o machismo para a construção dessa masculinidade, que se tornam tóxicas ao longo da vida escolar, pois os meninos internalizam repúdio, as características femininas, adquirindo assim abertura para a misoginia, e a violência contra a mulher dentro dessa masculinidade.

Observando a escola como produtora de masculinidades estereotipadas e agressoras, constitui-se necessário a criação de mecanismos para romper com a heteronormatividade instaurada no ambiente escolar, desconstruindo as práticas que legitimam essa masculinidade tóxica.

DESNATURALIZANDO A CONSTRUÇÃO DA MASCULINIDADE INFANTIL

Como quebrar com as normas de gêneros constituídas socialmente e reafirmadas pelas instituições escolares? Temos respostas que não são dolorosas, nem precisam de orçamentos milionários basta armasse de um conhecimento libertador e sem preconceitos.

No livro “Diferentes, Não Desiguais a Questão de Gênero na Escola” as autoras apresentam alguns mecanismos simples para não reproduzir os estereótipos de gênero nas salas de aula, como: não investir nas divisões por gênero nem reiterá-los; atribuir as mesmas tarefas para meninos e meninas; dividir as turmas por ordem alfabética ou por data de nascimento entre outras atitudes simples.

Promover a equidade entre alunos e alunas é de fundamental importância e pode ser feito evitando justificativas ou repreensões com frases como “isso não é coisa de menino” ou “comporte-se como as meninas”.

Não repreender os atos e não pelos gêneros, apresentar com igualdade obras de homens, de mulheres, são exemplos simples que tem grande impacto na construção do gênero dos alunos.

Desconstruir a imagem masculina concebida pela sociedade e reafirmada pela escola, é um exercício diário o discurso do corpo docente deve estar atento para o que reproduz, às práticas curriculares precisam se libertar do binarismo dos gêneros, não atribuir aos meninos características como específicas de homens ou como específicas de mulheres, características são personalidades de cada ser que independe do gênero, e fazer com que as crianças entendam esse significado será libertador para a identidade de cada aluno e de cada aluna que está sendo moldada.

Paechter (2009) expõem em seu livro, como forma de intervenção e de questionamento as práticas escolares estereotipadas, aborda que qualquer ensinamento explícito sobre questões de igualdade precisam ser tomados seriamente por todos os professores, e esses deveriam tentar conceber um modelo para uma variedade de masculinidades e de feminidades, ademais aponta que é importante compreender que, se algumas masculinidades, em particular, podem gerar uma relação próxima entre os professores homens e grupos específicos de meninos, isto ocorre por meio da alterização e da exclusão de outros grupos, inclusive de meninas.

Percebemos a escola em suas várias práticas legitimando a construção de uma masculinidade tóxica, se tornando um local opressor de identidades masculinas construídas com respeito, alteridade e igualdade e impulsiona a construção de masculinidades com identidades consolidadas de forma machista, misógina, homofóbica e violenta, mas masculinidades que antes de serem opressoras foram oprimidas pelas famílias, pelo sistema escolar e pela norma de gênero que se instaura nas instituições social e vai além desses dois ambientes destacados aqui.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se deparar com inúmeras mortes de mulheres no Brasil é no mínimo questionador, afinal porque essas mulheres morrem, quem são seus assassinos? Os casos de feminicídio são cometidos por homens, machistas, misóginos, violentos mas, todos somos fruto de um sistema, e que sistema é esse que produz tantas masculinidades tóxicas.

Agora ao final deste estudo, após ler alguns referenciais teóricos podemos compreender um pouco como são formadas esse tipo de masculinidade e porque ela é o tipo que mais está presente na sociedade, pois resistir a família, a escola, a universidade, ao burguês empregador não é uma das mais fáceis resistências.

Se tornar um homem feminista, um ideal de masculinidade, para muitas identidades perpassa não só por resistências mas por privilégios. É um privilégio para um menino nascer em uma família com ideais de equidade e de alteridade, estudar em uma escola que fale sobre o real significado de gênero, a qual permita expressar sua identidade sem opressão, cursar uma graduação ofertado por uma universidade que fale sobre as normas de gênero vigentes na sociedade e que possibilite debates para a desconstrução desta, é um privilégio fazer parte das classes abastadas que não precisam abdicar de seus ideais em troca de um salário mínimo, mas privilegio é tudo o que a maioria ainda não possui.

Assimilamos que a criança introjeta as ações dos sujeitos masculinos e de suas respectivas identidades, que o ensino fundamental é local de produção de masculinidades estereotipadas, e que a escola necessita constituir-se como local de desconstrução dos estereótipos de gênero, diante dessas considerações enxergasse agora sobre uma outra ótica do que é masculinidade e como elas são construídas e naturalizadas dentro do ensino fundamental.

A potencialidade do debate dos estudos de masculinidades não é satisfatório apenas para homens os quais tem a possibilidade de desconstruir suas masculinidades tóxicas a partir do entendimento de como isso se constitui-o na sua a identidade, mas é satisfatório para as mulheres e para os LGBT's que não entraram para a estatística de morte causadas por homens, e terão mas um coletivo (o masculino) para lutar pela equidade de direitos e pela desconstrução da norma de gênero que é imposta aos corpos de uma maneira estereotipada e naturalizada, por meio das instituições sociais subordinadas ao sistema capitalista, fascista e desigual.

REFERÊNCIAS

BELLO, Alexandre Toaldo e FELIPE, Jane. **Delineando masculinidades desde a infância**. Instrumento: Revista Estudos e Pesquisas em Educação Juiz de Fora, v. 12, n. 2, jul./dez. 2010.

BENTO, Berenice. **Transexuais, corpos e próteses**. Labrys Estudos Feministas, Brasília, s/v, n. 4, ago./dez. 2003, não paginado.

BUTLER, Judith. **Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo**. In: LOURO, G. L.(Org.), O corpo educado: pedagogia da sexualidade. Belo Horizonte. Autentica,2001 p.153-72.

_____. **Deshacer el género**. Buenos Aires; Paidós, 2006.

CONNELL, Robert. **Teaching the boys, new research on masculinity, and gender strategies for schools**. Teachers College Record, 98, 2, 206-235.

FELIPE, Jane; BELLO, Alexandre Toaldo. **Construção de comportamentos homofóbicos no cotidiano da Educação Infantil**. In: JUNQUEIRA, Rogério Diniz (org.). *Diversidade sexual na educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas*. Brasília: SECAD/UNESCO, 2009.

GOMES, Lauren Beltrão e CREPALDI, Maria Aparecida e BIGRAS, Marc. **O engajamento paterno como fator de regulação da agressividade em pré-escolares**. Revista Paidéia.2013.

LINS, Beatriz Accioly e MACHADO, Bernardo F. e ESCOURA, Michele. **Diferentes não desiguais: a questão de gênero na escola**. 1. ed. Revira Volta, 2016.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

Manifesto pela igualdade de gênero na educação, 2015. Disponível em: <http://www.ceert.org.br/noticias/educacao/7323/manifesto-pela-igualdade-de-genero-na-educacao> . Acesso em: 22-04-2018.

PAECHTER, Carrie. **Meninos e Meninas: aprendendo sobre masculinidades e feminidades**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

REIS, Cristina D'Ávila e PARAÍSO, Marlucy Alves. **Normas de gênero em um currículo escolar: a produção dicotômica de corpos e posições de sujeitos meninos-alunos**. Estudos Feministas, Florianópolis, 22(1), p. 237-256, jan./abr. 2014.

SAAVEDRA, Luísa. **Diversidade na identidade: a escola e as múltiplas formas de ser masculino**. Psicologia, Educação e Cultura, VIII, n. 1, p. 103-120, 2004.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documento de Identidade; uma introdução às teorias do currículo**. – 3. ed.; 8. reimp. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

SOUZA, Marcio Ferreira de. **As análises de gênero e a formação do campo de estudos sobre a(s) masculinidade(s)**. Mediações Londrina, v.14, n. 2, p. 123-144. jul./dez. 2009.